

À SOMBRA DA LITERATURA: MEMÓRIAS DA INFÂNCIA EM UM CONTO AUTOBIOGRÁFICO

Este conto revela episódios verídicos da minha infância. São textos autobiográficos, embora eu não os escreva em primeira pessoa. São experiências vividas, sentidas ou parte do meu imaginário do ano de 1982, quando minha família passou a morar em uma fazenda, no distrito do Orobó, zona rural de minha cidade natal, no interior da Bahia. Hoje, graduado em Letras, mestre e doutor, professor de uma universidade pública, as lembranças que aqui ficam registradas ainda me apavoram. Escrever em primeira pessoa seria doloroso demais. Seria como se o menino que caminha na tela da memória ainda pudesse sentir cheiros, sabores, sensações táteis e emoções, retratados em cada linha deste conto. Em terceira pessoa, afasto-me das emoções e deixo somente que a razão transcreva o que o menino, escondido em algum lugar dentro de mim, dita, palavra por palavra. Por isso meus dedos deslizam rapidamente pelo teclado do computador. Por isso finjo produzir parágrafos inteiros em tempo recorde. É que o menino já escreveu estas histórias. Eu apenas sou o intermediário entre ele e as páginas em branco.

1 A chegada ao Sítio: noites de terror

Era uma manhã de sábado de céu claro e sol brilhante, naquele início de abril de 1982. O menino estava em pé em cima do caminhão Ford F400 quando chegaram ao portão do Sítio Bahia. Fazia-lhe companhia, sentada no pau-de-arara, a sua irmã mais velha. Ao fundo da carroceria, os cacarecos da mudança: três ou quatro panelas velhas, pretas, de cozinhar em fogo a lenha, um bule de alumínio, dois baldes plásticos grandes cheios com pratos plásticos e de esmalte, facas, colheres, copos e alguns garfos, roupas e outras quinquilharias. Trouxeram também a porta da casa, que lhes serviriam de cama. Mais ao fundo, um pedaço de colchão de esponja e papelões em rodilhas. A mãe se apertava na boleia, junto ao motorista, com as três crianças pequenas. A menina mais nova ainda não completara dois anos de vida.

Quando desceram do caminhão, estavam aguardando-os, para as boas vindas, o gerente do Sítio, Seu Antônio, a esposa do gerente, Dona Maria de Tâni, e Pascoal, um garoto de pele muito negra e dentes alvíssimos, riso fácil e aparência de doze a treze anos de idade. Ficariam alojados ali, na casa branca. A casa branca era a única

residência naquelas imediações do Sítio. Ficava logo um pouco abaixo da entrada, à esquerda do variante, escondida entre os laranjais. Para chegar até a casa, teriam que passar por um longo corredor entre o depósito e o secador. No fundo da casa estava a estufa. O caminhão parou na ladeira, no variante. O motorista saltou e colou pedras em apoio aos pneus de trás, para o carro não descer. Teriam que seguir a pé até a casa. Pascoal ajudou a descarregar a mudança. O motorista e seu Antônio, cada um em uma ponta, levaram a porta que serviria de cama. Dona Maria ajudou a carregar a menina no colo.

Instalados na casa, a mãe começou a preparar a comida para o almoço porque, com a correria da mudança, quase não puderam se alimentar naquela manhã. Na cozinha tinha um fogão à lenha, feito de tijolos e duas trempes. Um tubo de flandres, à guisa de chaminé, levava a fumaça para fora do telhado. O menino foi instruído a buscar água em um chafariz em frente à casa grande. A água chegava até ali puxada de um córrego da parte baixo da ribanceira. Tubos grandes pretos e um motor a diesel faziam o serviço, com um barulho de carro velho subindo ladeira. Com a chegada da água a mãe retirou a carne seca do saco, cortou seis pequenos pedaços. Um para cada membro da família. Escaldou a carne, secou os pedaços e os jogou por entre as brasas, para assar. Pôs um pouco do caldo da carne em exatos seis pratos, colocou mais água fria em cada um e cobriu-os com farinha de mandioca. Comeriam o pirão com a carne assada. Cebola crua e pimenta malagueta somente para os mais velhos.

Quando começou a escurecer o menino furou duas tampinhas de garrafa e fez tiras de pano de um velho cobertor. Trançou os pedaços de pano e enfiou as pontas das tranças nas tampinhas. Encheu dois fracos marrons, embalagens de remédios, com querosene. Meteu as tranças de tecido nos frascos, ajustou as tampinhas e acendeu os enchumaços.

Dois candeeiros iluminariam a família. Na hora da janta a irmã mais velha fritou xangós secos em azeite de dendê. Jogou farinha de mandioca dentro da panela e serviu para a família a farofa de peixe seco, acompanhada de chá erva-cidreira, morno e com pouco açúcar. O dormitório foi improvisado no único quarto que a casa dispunha. Puseram ali a tábua da porta sobre quatro pedras devidamente alinhadas. Espalharam ainda o pedaço de espoja de colchão e os papelões, ao lado da “cama”. Dormiriam todos juntos, a mãe na tábua da porta, por causa de sua dor na coluna.

No meio da noite o menino acordou assustado com o barulho do secador. Quem estaria abrindo aquela geringonça naquele horário? O secador era uma estrutura triangular de folhas de zinco, em formato de telhado de duas águas, que corria sobre trilhos de ferro, abrindo e fechando para cobrir o chão encimentado que servia para secar cacau, pimenta do reino, guaraná e cravo da Índia. Como era uma estrutura grande e pesada, demandaria pelo menos dois homens fortes para empurrá-la. Quem se prestaria a esse serviço no meio da madrugada? Mas, como estava cansado, o menino voltou a adormecer. De repente, um vento forte abriu ao mesmo tempo a janela do lado, a porta da sala e a porta da cozinha. Ouviram as portas e a janela se fecharem, ao mesmo tempo. Nessa altura, todos já estavam acordados, a mãe de pé segurando um pedaço de facão velho. A irmã mais velha, cabelos desgrenhados e olhos esbugalhados, babava e tremia, de pavor pelo acontecido. As crianças pequenas estavam caladas, olhos fixos na mãe. Depois de as portas e janela se abrirem e fecharem pela segunda vez, chamas vermelhas, de fogo intenso, entraram pelos combongós laterais do quarto, iluminando, furtivamente, toda a casa. Daí em diante trotes de cavalo passaram a ser ouvidos, como se fortes equinos, em fúria, estivessem rodeando a casa. Desse momento em diante todos

passaram a gritar, em desespero. A menina pequena chorava e esperneava. O menino do meio tentou se esconder em baixo da tábua que servia de cama. O evento de terror durou cerca de meia hora. Pareceu uma eternidade.

Na manhã seguinte Seu Antônio e Dona Maria vieram visitar a família. Disseram ter ouvido os gritos, mas, por medo da onça, preferiram aguardar o amanhecer do dia. Seu Antônio disse que já sabia que aquela casa era assombrada. Mas, como não tinha nenhuma outra disponível na fazenda, resolveu deixar a família ali mesmo. Pediu desculpa pelo acontecido. Sentia-se, de certa forma, responsável pelo sofrimento da família. Imediatamente, contudo, ajudou a família a se alojar no depósito, próximo da casa branca. O inconveniente é que teriam que dormir junto aos sacos de pimenta do reino e guaraná secos, que se amontoavam no fundo. O depósito era um único, largo e comprido vão, de telhado alto, porta grande de madeira, uma janela na frente e outra no fundo. Apesar do forte cheiro de cravo e de cacau molhado, a família ficaria bem ali. Melhor do que na casa mal assombrada.

No fim da tarde daquele domingo Pascoal e Dona Maria foram ao depósito chamar as crianças para assistirem ao programa *Os trapalhões*. Na casa grande da fazenda, onde moravam Seu Antônio, Dona Maria de Tâni e toda a sua filharada havia, como raro privilégio, uma televisão em preto e branco de quatorze polegadas. A tevê funcionava com bateria de carro, uma antena grande externa e buchas de palha de aço penduradas nas anteninhas do aparelho. Na frente da televisão, na sala de visitas da casa, amontoavam-se os onze filhos de Dona Maria, Pascoal, Seu Antônio e os cinco convidados daquela noite. Dona Maria teria ficado no depósito, a conversar com a mãe do menino. Depois do programa, na hora do *Fantástico*, Pascoal acompanhou os

convidados de volta para o depósito. Ao se despedirem da família, Dona Maria informou à mãe do menino que ela voltaria na manhã seguinte, às seis e meia, para acompanhá-la até o eito, onde capinariam. Eram amigas de longas datas, felizes pelo reencontro. Ao sumirem na curva da estrada, por entre as laranjeiras, uma tocha de fogo passou a acompanhá-los. Um vento forte abriu e fechou as portas do depósito. A família viveria a segunda noite de pânico.

2 As mulheres do eito

As mulheres do eito eram restos vivos de seres humanos. Quase todas negras, com lenços coloridos amarrados na cabeça. A única exceção de cor era a de Maria de Tâni, a esposa do gerente, que se destoava, gorda e branca, no meio das pretas mulheres de rostos magros e peles cinzentas. Trabalhavam na capina das sete da manhã às dezesseis e trinta, chovesse ou fizesse sol, com uma parada para o almoço. As que não moravam no sítio chegavam até lá no Ford F4000, dirigido por Seu Manuel, que as pegava em casa, na cidade, desde as quatro horas da manhã. Chegavam ao Sítio sentadas no pau-de-arara, pouco antes das sete, em tempo para comerem o café com farinha ou as lascas de pão dormido, beberem o café quente nos canecos de alumínio e desenrolarem o fumo de corda para tragem o *tchoqueiro*. Muitas ainda não dispensavam sua boa dose de *pinga*⁵⁷. Os horários de trabalho eram marcados por Seu Antônio, o gerente, que seguindo seu grande relógio de pulso, grossas correntes de aço da marca *Orient*, de que muito se orgulhava, tocava o búzio pontualmente às sete, às onze e meia, às treze horas e às dezesseis e trinta. Sons estridentes e agudos,

⁵⁷ *Tchoqueiro* era um tipo de cigarro feito artesanalmente com fumo de corda picado, enrolado em palhas de milho, papel de embrulho ou de seda. *Pinga* era nome popular de cachaça.

tão pontuais quanto os relógios suíços. “Seu Antônio já tocou!”, diziam as mulheres, que se apressavam para o serviço. Havia casos de famílias inteiras trabalharem na fazenda. Os homens a colher e debulhar o cacau, a goivar a mata, a secar o guaraná na estufa, a enfiar estacas no chão para segurarem as ramas da pimenta do reino. As mulheres cuidavam da capina, da colheita do cravo nos meses de outubro a janeiro, da colheita do guaraná e da pimenta do reino.

Dois meses depois da chegada ao Sítio a família já estava totalmente ambientada. Moravam agora em uma casa de colono na *Volta do Carro*, na outra extremidade da fazenda, ao fim do variante, justamente ao pé de uma ladeira onde existia uma curva em que o Ford F4000 fazia a manobra de volta, depois de deixarem os trabalhadores para o serviço. A mãe e a menina mais velha trabalhavam no eito. O menino acordava cedo para ir à escola. Em agosto ele completaria onze anos de idade. Passou a cursar a primeira série primária na Escola Cosme e Damião, a alguns quilômetros de distância do Sítio Bahia, depois da mata das piaçaveiras. As crianças menores ficavam em casa, sozinhas.

Na segunda quinzena daquele mês não haveria aula. Estavam próximos ao São João e a escola entrou em recesso junino. A mãe resolveu levar o menino para ajudar na capina, para ver se ele “pegava jeito para o trabalho”. O menino magro, de pernas esguias e pescoço fino mal conseguia se aprumar com a enxada pesada na mão. O suor frio escorria-lhe pelo rosto, apesar da brisa fresca que soprava, naquele inverno junino. Estavam limpando as plantações de guaraná. As folhas secas, grandes, de tons marrons ou dourados atapetavam o chão. O menino seguia as mulheres que se esgueiravam por entre as grossas ramas dos pés de guaraná, puxando as folhas para retirarem os arbustos intrusos ou capins compridos, que teimavam em crescer por

entre as tranças dos guaranazeiros. Uma vez, quando puxou as folhas em direção a seus pés, junto com elas veio um bolo de cobra: uma papapinto, de grande cabeça amarela, bocarra aberta a engolir uma coral vermelha, estava enrolada por entre as folhas secas do guaraná, perturbada em sua refeição pelo puxar da enxada. O menino, depois do grito de susto, largou a enxada e saiu desesperado, a correr em direção à campina. Dois dias depois das cobras, o menino baixou a cabeça para passar por entre dois guaranazeiros, que se trançavam no meio e buscavam, em cima, os espaços livres ao alcance do sol, onde mostrariam as grandes folhas verdes e os cachos vermelhos de olhinhos pretos dos guaranás, que já começam a florescer naquela época do ano. Ao levantar a cabeça o menino a encostou em uma casa de marimbondo, que se escondia entre as folhas verdes da planta. Com gritos e lágrimas, rosto inchado das picadas dos insetos, o menino saiu daquela experiência jurando nunca mais voltar ao eito.

As mulheres do eito faziam as refeições sentadas à sombra das laranjeiras. Quando ouviam o búzio que anunciava a hora do almoço, largavam as enxadas e desembulhavam as marmitas, panelas ou pratos, onde traziam a comida. Invariavelmente feijão, carne seca assada na brasa e farinha de mandioca. As menos abastadas, isto é, as que tinham muitos filhos e não tinham marido, dispensavam o feijão. Traziam somente o pedaço de carne e a farinha, jogavam água na marmita para fazerem o pirão. Pimentas verdes ajudariam o paladar. Solidárias, quase sempre compartilhavam as refeições. Dividiam a pouca comida, sobretudo com aquelas que chupavam laranja no almoço porque em casa havia acabado a farinha ou o dinheiro não foi suficiente para comprar a carne seca.

No fim da tarde de certo dia, quando as mulheres se arrumavam em cima do caminhão para a viagem de volta à cidade, deram-se conta

de que estava faltando alguém entre elas. As filhas aguardavam, ansiosas, a chegada de Dona Zuzu, “que tinha ido ao mato”, expressão que usavam para indicar que a ausência e hábito as impediam de usar sanitários. Dona Zuzu era a mais velha das matronas que trabalhavam no eito. Senhora de aproximados setenta anos, curtida ao sol e curvada dos longos anos dedicados à enxada. Toda a sua família, filhas, netas e neto trabalhavam no Sítio Bahia. Zulmirinha, Zuleide, Zuleica e Catarina eram filhas. Zoraia, Zenaide e Ailton eram netos. O menino não compreendia porque dona Zulmira e sua filha, Zuleica, resolveram dar nomes diferentes para Catarina e Ailton, já que todos os outros nomes começavam com a letra Z. Mas essa é uma explicação que poderá ficar para outro momento. Por ora, o menino percebia a inquietação das filhas de Dona Zuzu. Temiam por onça ou picada de cobra. Temiam também pela idade avançada da velha. Ailton já ia levantando-se para procurá-la quando a avistou, caminhando lenta por trás do chafariz. Quando chegou perto do caminhão, todos perceberam que algo de errado estava se passando com Dona Zuzu. Sentiram o cheiro forte e ruim que saía de suas roupas, sinal claro de que ela não fez com precisão a devida higiene. Até aquele momento Dona Zulmira tinha se mostrado forte e brejeira. Era a primeira a se levantar quando ouvia o toque do búzio. Apesar da boca vazia de dentes, sorria com facilidade e trabalhava firme, cantando ou contando “causos”. De vez em quando se apoiava na enxada para descansar as costas. Ao tentar subir pelo fundo do caminhão, porém, Dona Zuzu caiu de costas no chão, espalhando um líquido sujo e mal cheiroso na areia da estrada. Era o fim de sua jornada de trabalho. Último ato de sua sofrida existência.

3 Feitiçarias

O menino ficou muito impressionado com a morte de Dona Zuzu. Foi a primeira vez que tinha presenciado o desenlace de uma pessoa. Mais impressionado ainda, contudo, pelas histórias que passaram a circular em torno do falecimento da velha senhora. Desconsideraram a idade avançada, o trabalho árduo no eito ou qualquer moléstia que pudesse tê-la acometido para justificarem a causa de sua morte ao fato de ela “ter sido jurada” por alguém de seu desafeto. Nas conversas e “causos” do eito o tema da feitiçaria era uma constante. O menino ainda se lembrava de ter ido com a sua mãe, alguns meses antes, à entrada do Candengo, uma vila de casas de taipa à beira de uma mata, nos subúrbios da cidade, para o velório de uma conhecida de nome Irene. A falecida tinha morrido de parto. O corpo inchado estava estendido sobre duas tábuas, suspensas em duas pontas de cadeira. Aguardavam doação de um caixão pelo prefeito da cidade. Duas velas acesas ao pé da morta. O cheiro forte e a fumaça do incenso de alfazema completavam o tom mórbido daquele ambiente. Irene teria morrido “de feitiço”. Ebó dos brabos, com galo e cabrito na encruzilhada, encomendado pela *esposa legítima* do pai da criança. As histórias de feitiçaria muito atormentaram a infância do menino. Na cidade, moravam na Rua do Matadouro. Na entrada da rua havia uma esquina que fazia cruzamento com a Rua do Tamarineiro, o Beco da Enrola e a Ladeira do Cemitério. Coincidência ou não, nessa esquina fechada, de cruzamento de quatro ruas, aconteciam constantes acidentes de carro. Muita gente saía dali quase morta ou desfigurada. E, por ser o “pé da ladeira do cemitério”, era o lugar preferido dos macumbeiros para ofertarem os despachos: grandes ou pequenas tigelas de barro, velas brancas, pretas ou vermelhas, garrafas de cachaça, panos pretos e vermelhos, pipocas e farofas de azeite de dendê, animais mortos a completar o horrendo quadro.

Ao lado do casebre da família, na Rua do Matadouro, morava o tio do menino, irmão único de sua mãe e também seu maior desafeto. O tio e a mãe do menino teriam se desentendido muito antes de ele nascer porque, relatava a mãe, o tio dissera que ela não teria direito à herança, já que o pai deles teria falecido quando ela estava em São Paulo, morando na casa de uma tia deles, retornando à cidade somente quando o pai já tinha sido enterrado. Por causa disso, a mãe teria dividido, à força e briga com pedra e facão, o terreno no meio. Passou uma cerca de tábuas e construiu, em um dos lados, a sua casa de taipa, isso lá pelos idos dos anos 1960, quando a mãe contava apenas dezenove anos de idade. Quando o tio do menino se casou pela segunda vez, levou para casa uma senhora que era metida em feitiçarias. De vez em quando aparecia, na porta do casebre, farofas de dendê ou pozinhos brancos. A mãe dizia que era a cunhada que jogava “pó de pomba”, na intenção de que a família finalmente deixasse o local. Muitas vezes também o menino enxergava, por trás da cerca, no quintal da vizinha, velas acesas, constantemente viradas para o casebre do menino. Toda essa vivência e o fato de ter presenciado a morte de Dona Zuzu deixaram o menino com um imenso pavor de feitiços. Daquele período em diante o menino passou a observar e fugir dos despachos que encontrava. Com o coração quase a “sair pela boca”, juntava forças nas pernas bambas para correr do local. Não por acaso, quase sempre que a mãe do menino mandava que ele fosse comprar mantimentos na venda de Dona Zeferina encontra um ebó no meio da estrada. Por aquela região morava uma “famosa feiticeira”, dessas que sabem “matar em vinte e quatro horas” e que “traz o amado de volta em três dias”, era o que dizia dela Dona Maria de Tâni, em conversas com a mãe do menino, nas tardes ociosas de domingo.

A venda de Dona Zeferina distava uns três ou quatro quilômetros do Sítio Bahia. Era uma casa de secos e molhados em que “se vendia de tudo”. A mãe do menino tinha feito amizade com a velha senhora e passou a comprar fiado na quitanda, que pagava pontualmente nos fins de semana, depois que seu Antônio, gerente do Sítio, pagava as diárias dos trabalhadores, no fim da tarde das sextas-feiras. O menino ficou encarregado de comprar os mantimentos e de ir efetuar o pagamento, nos sábados pela manhã ou ainda na sexta-feira, se fizesse tempo bom ou se não tivesse outros afazeres urgentes. Para chegar até a venda, o menino subia a ladeira da variante do sítio, tomava a estrada de chão à sua direita, em direção à Matinha do Orobó. Na estrada costumava subir uma poeira vermelha, sempre que passavam as marinetes de seu Cheba ou de seu Querônio, únicos veículos automotivos a transitarem por aquelas bandas, além do Ford F4000 do Sítio Bahia. Nessas idas e vindas para a venda de Dona Zeferina, o menino se lembrava das histórias apavorantes que escutava: o *chupa cabra* que estava a atacar as pessoas ou a *combi preta* que pegava crianças, ou ainda outras fantásticas histórias, abundantes no imaginário popular. Para piorar ainda a situação, o menino de quando em vez encontrava ebós, novos ou velhos, com velas acesas ou apagadas, na beira do caminho ou nas encruzilhadas, embaixo dos cachos de coquinhos de piaçava.

Em uma manhã de setembro o menino caminhava para a escola pela mesma estrada que dava na venda de Dona Zeferina, mas virou à esquerda na primeira esquina, logo depois dos limites do Sítio Bahia. Toda aquela região, inclusive a estrada, estava no meio de uma imensa mata de piaçaveiras. As estradas, por isso mesmo, separadas da mata por cercas de grandes estacas e arames farpados, eram escuras, frias e barulhentas, pelos ventos fortes que sopravam e balançavam as talas das piaçaveiras. Na imaginação do menino, aquele era um típico cenário

de horror. Assim que virou a esquina, o menino deparou com um grande despacho, desses que pareciam feitos “para matar em vinte e quatro horas”, bem à sua frente, a separá-lo do restante do caminho que chegava à casa da professora. O que poderia fazer, sozinho naquela situação? As velas ainda estavam acesas e grandes, demonstrando que o ebó tinha sido colocado ali há poucos minutos e que talvez a “famosa feiticeira” ainda estivesse por perto. Tal foi a sensação de pavor que tomou conta do menino que ele resolveu ir para a escola pelo caminho de baixo, muito mais longe e perigoso que o da mata das piaçaveiras, já que teria que andar alguns quilômetros a mais e atravessar o pasto onde bois bravos e vacas paridas davam carreiras nos desavisados.

4 Leitura à sombra das laranjeiras

Nem só de histórias sórdidas ou de terror marcaram a morada da família no Sítio Bahia, naquele ano de 1982. Acostumados que estavam com a fome cotidiana, encontraram naquele lugar outras possibilidades de alimentação. Pela manhã, em vez da costumeira farofa, de peixe seco, de carne frita ou o escaldado de caranguejo, quando tinham em casa, na época das andadas, a família se adaptou a outros sabores. No sítio a família podia plantar batatas doces, de raízes grandes e folhas frondosas, ao lado da casa ou perto das plantações de pimenta do reino. Ali também encontravam em abundância mamões de muitas espécies, laranja pera, de umbigo, laranja lima, laranja poncã e tangerina, além de outras frutas mais raras, nem sempre autorizadas para os colonos, mas possíveis de serem colhidas, sobretudo as das proximidades das casas. A mãe plantava, no quintal, sementes de quiabo, jiló e hortaliças, que tanto serviam para o consumo da família como para serem vendidos na feira da cidade, aos sábados. A renda da fazenda girava em torno do

cultivo dos caros produtos da região: cacau, pimenta do reino, cravo da Índia e guaraná, por isso o dono do Sítio não se importava muito com as frutas abundantes e nem com as plantações dos colonos. Sob esse ponto de vista alimentar, o ano no sítio passou a ser uma época de relativa fartura. Por outro lado, a féria da mãe e da menina mais velha, que trabalham a diária, no eito, mal dava para a compra das outras necessidades da família. Retirada a soma da quitanda de Dona Zeferina, do feijão e da carne seca comprados na Cesta do Povo, guardado o dinheiro da farinha de mandioca, o restante ia para o *porquinho*, a fim de que a mãe pudesse pagar a escola do menino no fim do mês.

Como a família chegou ao Sítio no mês de abril, as matrículas na única escola da região já tinham sido encerradas. Era uma escola multisseriada, sob a responsabilidade da professora Zenilda. A escola era um casebre de barro, coberto de palha, portas e janelas sem proteção. Em uma das paredes estava pendurado um quadro verde, onde a professora ensinava as lições. Naquele ano de 1982 pouquíssimos alunos estavam matriculados, ocupando somente o turno vespertino. Havia o grupo da segunda série, com dois alunos, três na terceira série, um grupo mais avançado, de quatro alunos, na quarta série. Entre os últimos estava a irmã da professora, que já tomava a lição, ao mesmo tempo em que estudava, ao grupo do segundo ano. Procurada pela mãe do menino tão logo chegaram ao Sítio, a professora Zenilda informou que não poderia aceitar mais nenhum aluno, principalmente da primeira série, porque a relação dos discentes já tinha seguido para a Prefeitura, desde o mês de março. Quando percebeu que a professora não podia aceitá-lo, o menino chorou convulsivamente. Muito ele relutou em deixar a escola João Antunes, na Rua do Tamarineiro, quando a mãe resolveu que mudariam para o Sítio Bahia. Finalmente ele estava estudando, como sempre desejara. Desde os sete

anos ele tinha por obrigação cuidar dos irmãos menores para que sua mãe, irmão e irmã mais velhos pudessem trabalhar. Por isso, o menino só passou a frequentar a escola naquele início de ano de 1982, quando completaria a idade de onze anos. Desde muito cedo o menino tinha resolvido que seria professor. Mesmo sem saber ler, brincava com seus irmãos de “fazer dever” porque a sua mãe já tinha sido professora leiga, do MOBREAL. A senhora lia com desenvoltura e ensinava os meninos, desde pequenos e quanto tinha tempo, as lições do ABC, livrinhos finos que adquiria nas papelarias da cidade.

Condoída pela vontade expressa do menino e ainda pela insistência da mãe, a professora resolveu aceitar o menino, mas no turno oposto, pela manhã. Como não receberia mais nada da Prefeitura por esse serviço extra, a mãe aceitou pagá-la em particular, a fim de que o menino não ficasse sem estudar. Foi assim que, mesmo na pobreza, o menino se viu estudando com uma professora dedicada somente a ele, ano em que não só aprendeu ler e a escrever com relativa facilidade, mas se tornou também o melhor aluno da professora, conforme ela não cansava de elogiar. Ao fim do ano letivo o menino lia até melhor do que os alunos da quarta série, graças a sua boa memória, privilegiada por guardar de cor, linha por linha, os textos que lia.

O sacrifício da mãe em pagar a escola para o menino tinha uma explicação. Enquanto moravam na cidade, algumas vezes a mãe levou o menino para ajudá-la a catar sururu, a pegar aratu e siri e a pescar camarão no mangue de onde tirava o sustento da família. Mas, o menino não parecia levar jeito para aquele tipo de serviço. Tinha medo de meter a mão nas sapatas que se formavam entre as raízes dos manguezais e a lama, para tirar o sururu. Cortava-se muito com os cascos de ostras e nunca mesmo, por nenhum milagre, conseguiu pegar um aratu, que fugiam dele, rápidos e ladinos, para os galhos mais altos dos

manguezais. Além disso, o menino chorava e reclamava muito das picadas dos mosquitos e das mutucas, que se juntavam, em nebulosa, para chuparem o sangue doce do menino novo. A mãe, paciente e boa, colocava plástico no chão à beira do rio que se encontrava com o manguezal e deixa o menino brincando com grauçás, enquanto ela ia atrás dos mariscos. Passava querosene misturado a azeite de dendê no corpo, na cabeça e no rosto do menino, a fim de que os insetos não o perturbassem. Outras vezes, a mãe levava o menino para colher e plantar aipim na vargem ao fim da rua, depois do riacho onde a mãe costumava lavar as roupas da família. Para roça o menino também não levava jeito. Sempre enfiava na terra o lado errado das manaíbas e a mãe tinha que replantar tudo, desperdiçando tempo e energia. Não conseguia, também, arrancar as raízes inteiras. Os pedaços de aipim ficavam pela terra, prejuízo certo se as raízes tivessem que ser vendidas.

Certa vez, por ter confundido mandioca brava com aipim, colocando em risco a vida dos familiares, a mãe chamou o menino para conversar. Se não tinha jeito para o mangue e não sabia trabalhar na roça, o que faria, então, da vida? O menino respondeu, prontamente, que queria ser professor. Achava bonito ir para a escola, como as filhas de Dona Lourdes e os filhos de Dona Matilde. Já tinha dez anos de idade e ainda não sabia ler. Já sabia de cor o ABC, mas ainda não juntava as palavras. Achava bonito ser professor, como o filho de seu Antônio da Venda, que tinha se formado no ano passado. A mãe prometeu, então, que “no ano que vem” ele iria para a escola. Era setembro ou outubro. O ano seguinte seria justamente 1982. Logo no início do ano a mãe o matriculou na primeira série na Escola Municipal João Antunes, há poucos quarteirões do casebre onde moravam, logo na entrada da Rua do Tamarineiro. As difíceis condições de trabalho

naquele início de ano, sobretudo porque agora a mãe não tinha mais com quem deixar os meninos mais novos, levaram-na à decisão de mudarem para o Sítio Bahia. O menino relutou em deixar a escola, mas aceitou, por fim, pela solene promessa da mãe de que lá ele continuaria estudando. Ela havia se inteirado da existência de uma escola primária perto do Sítio.

Dessa forma, morando no Sítio Bahia, a mãe se acostumou com as ideias firmes do menino de que ele estudaria para ser professor. Talvez por isso, todos os sábados a mãe seguia para a cidade. Acordava ainda na madrugada, punha na cabeça um cesto cheio de coentro, couve e alface, hortaliças que plantava no fundo da casa, e seguia, a pé, para a feira da cidade. Andava por mais de duas horas. Em torno das sete da manhã já estava vendendo as hortaliças. Depois, comprava os mantimentos na Cesta do Povo. No início da tarde tomava a marinete de seu Cheba, de volta ao Sítio Bahia. As crianças ouviam a buzina da marinete e corriam, eufóricas, para o portão do Sítio. Sabiam que a mãe estava chegando. Certamente ela traria, como toda semana, as balas de hortelã e os livrinhos de cordel, de que tanto gostavam. Ao chegar a casa a mãe acomodava as crianças sob as laranjeiras. Viajariam pelos mundos fantásticos dos cordéis: *O Pavão Misterioso*, *A Princesa da Pedra Fina*, *Lampião e Maria Bonita*, *O Preguiçoso e a Banana*. Era o gosto pela leitura que se formava ali, embaixo das laranjeiras, à sombra da literatura.

Adelino Pereira dos Santos⁵⁸

⁵⁸ Doutor em Letras. Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: adesantos@uneb.br